

Contribuições do psicólogo na comunicação com pacientes em cuidados paliativos

Psychologist's contributions to communication with patients in palliative care

Luana Cristine Bastos José¹

Resumo

O programa de cuidados paliativos possui como objetivo primordial a assistência a pacientes portadores de doenças em que não há mais possibilidade de cura, visando garantir uma melhor qualidade de vida. Desta forma, o presente estudo objetivou averiguar quais as contribuições do psicólogo hospitalar na comunicação com pacientes em cuidados paliativos, buscando investigar as estratégias utilizadas pelos mesmos, assim como analisar os instrumentos utilizados na comunicação com esses pacientes pelo método de estado da arte, utilizando as bases de dados Scielo e Pepsic. No período de 11 anos (2007 a 2018).

Palavras-chave: Comunicação. Psicologia Hospitalar. Cuidados Paliativos.

Abstract

The palliative care program has as its primary objective the care of patients with diseases in which there is no more possibility of cure to ensure a better quality of life. Thus, the present study aimed to ascertain what the contributions of the hospital psychologist in the communication with patients in palliative care, seeking to investigate the strategies used by them, as well as to analyze the instruments used in communication with these patients by the state-of-the-art method, using the Scielo and Pepsic databases. In the period of 11 years (2007 to 2018).

Keywords: Communication. Hospital Psychology. Palliative Care.

Data de submissão: 22 de maio de 2020

Data de aprovação: 17 de março de 2021

e0676

¹ Pós-Graduada em Cuidados Paliativos pela PUC Minas. Graduada em Psicologia pela PUCPR. Atuo como psicóloga hospitalar e com Cuidados Paliativos em dois hospitais de Curitiba/PR e também em linha de frente contra a covid-19. E-mail: lbastopsi@gmail.com

Introdução

A comunicação entre os seres pode ser encarada como o processo social primário devido às suas causas, ou seja, a comunicação é o que possibilita a vida em sociedade. Comunicar-se é um processo em que ocorre troca de informações entre duas ou mais pessoas. Quando se transmite uma mensagem, seja ela por linguagem oral ou corporal, por meio de signos ou sinais, recebe-se uma resposta do outro.

Há duas principais formas de se comunicar interpessoalmente. Na linguagem verbal se enquadram a escrita e a fala como formas de transmissão de informações, sendo estas as formas mais utilizadas de comunicação devido a sua capacidade de difundir ideias que possuem maior complexidade, podendo ser de forma ativa – quando se propaga uma mensagem, e passiva, quando se recebe a mensagem. Outra forma de se comunicar é por meio da linguagem não verbal, ou seja, por meio de sinais, gestos, expressões faciais e/ou corporais, sons, imagens ou outros códigos representativos, sendo esta última de fundamental importância no âmbito hospitalar.

O ambiente hospitalar possui como característica marcante a heterogeneidade de profissionais que ali trabalham. Dessa forma, a comunicação se apresenta de forma desigual e muitas vezes até ininteligível pelo paciente devido à variedade de termos e adjetivos específicos de cada especialidade. Equitativamente, a comunicação não verbal demonstra um distanciamento da equipe médica em relação aos pacientes, expressada pela postura, tonalidade da voz e expressões faciais. Essa longinquidade é sentida por diversos pacientes e familiares e relatada a profissionais da equipe de psicologia.

O papel do psicólogo hospitalar é favorecer a comunicação entre o paciente e a equipe multidisciplinar para que sejam identificadas mais facilmente as necessidades, anseios e temores do indivíduo hospitalizado.

Os pacientes e familiares de pacientes que estão em cuidados paliativos, necessitam em diversos momentos de uma demonstração de empatia e alteridade em consequência da realidade clínica em que se encontram, além de que apresentam constantemente um conflito interno relacionado à vida e à morte, e as fases do luto antecipadamente. Em virtude dessa fragilidade, a comunicação humanizada e acolhedora é essencial, por parte do médico responsável pelo paciente e por toda a equipe multidisciplinar (CREMESP, 2008 apud FERREIRA et al., 2011).

De acordo com observações empíricas, o psicólogo apresenta uma função ativa dentro desse contexto, acolhendo o sofrimento apresentado pelo paciente, pela família e muitas vezes pela equipe, assim como a identificação dos aspectos psicológicos que influenciam o processo de adoecimento do paciente a fim de minimizar os efeitos do adoecimento para o paciente e seus familiares,

visando a integração em todos os domínios do ser doente. Relacionado à comunicação, o papel do psicólogo hospitalar é favorecer a comunicação entre o paciente e a equipe multidisciplinar para que sejam identificadas mais facilmente as necessidades, anseios e temores do indivíduo hospitalizado, visando o apoio ao paciente, embasados nos seus valores, e também em intermediar os desejos deste, relacionados a assuntos pendentes (ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS, 2009 apud FERREIRA et al., 2011).

Devido aos pontos apresentados, esta pesquisa visa averiguar se a teoria apresentada é condizente com a prática do ambiente hospitalar, uma vez que a queixa exposta por pacientes e familiares de maneira empírica, propõe o questionamento de quais as reais contribuições do psicólogo hospitalar na comunicação envolvendo pacientes que se encontram em cuidados paliativos.

1 Método

O presente trabalho é um estudo de abordagem qualitativa. Esta abordagem visa o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização, já que permite uma certa liberdade na apresentação do ponto de vista. Desta forma, esta abordagem pode ser definida como a oposição dos pesquisadores ao fato defendido de um modelo único de pesquisa para todas as ciências, ou seja, a preocupação recorre sobre os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, buscando a compreensão e explicação deste.

Devido a constante produção de pesquisas significativas acerca do tema proposto, o método utilizado é a pesquisa denominada “estado da

arte”. Pode ser caracterizada como pesquisa bibliográfica e visa mapear e analisar produções científicas de diferentes campos do conhecimento, objetivando responder os aspectos e dimensões destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Há também reconhecimento da metodologia de caráter descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar (ENS; ROMANOWSKI, 2006).

Segundo Ens e Romanowski (2006), realizar um levantamento e uma revisão do conhecimento produzido sobre o tema é indispensável para desencadear um processo de análise qualitativa dos estudos produzidos nas diferentes áreas do conhecimento. Este tipo de estudo caracteriza-se por ser descritivo e analítico. Desta maneira, para a realização de uma pesquisa do tipo estado da arte, são necessários os seguintes procedimentos, como a definição dos escritores, a localização do banco de dados, o estabelecimento de critérios para a seleção, entre outros.

O presente estudo possuiu como critérios para seleção dos artigos, apenas publicações em língua portuguesa, no período de 2007 a 2016 nas bases de dados Scielo e Pepsic. Depois de selecionados os artigos que atendiam aos critérios selecionadores, foi confeccionada uma tabela com o título do artigo, ano de publicação, objetivo do artigo, método utilizado, resultados encontrados e suas conclusões, para que a partir disso fossem realizados a análise dos dados encontrados e o levantamento de hipóteses e conclusões acerca do tema desta pesquisa.

2 Resultados

No período de 2007 a 2016, com as palavras-chave “Cuidados Paliativos”, “Psicologia Hospitalar” e “Comunicação”, nas bases de dados Pepsic e Scielo, foram encontrados 11 artigos. A partir destes, pode-se observar a tabela dos resultados obtidos nesta pesquisa (Apêndice A): no que se refere aos títulos dos artigos investigados, 7 dos 11 artigos citam a palavra “comunicação”, também 7 dos 11 citam o termo “Cuidados paliativos”. Apenas 1 cita o termo “psicologia hospitalar”, 1 cita o termo “cuidadores e familiares”, há 1 artigo específico para pacientes traqueostomizados e 1 aborda a temática da consciência da finitude. 5 dos 11 artigos foram publicados em revistas de enfermagem, apenas 2 foram produzidos na CEFAC e 3 na SBPH (Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar) e apenas um na Revista Ciência e Saúde Coletiva.

Foi observada uma ampla variedade nos objetivos dos artigos analisados. Um deles busca identificar as expectativas dos pacientes com relação à equipe de enfermagem; outro visa destacar a comunicação como instrumento básico do cuidar em enfermagem; 2 artigos possuem o foco exclusivo no psicólogo hospitalar, para conhecer e reafirmar a necessidade desse profissional. Um busca investigar as estratégias de comunicação utilizadas e 2 objetivam revisar a literatura já existente, a fim de analisar as estratégias de comunicação desta. Dois dos artigos revisados visam compreender se as estratégias de comunicação são valorizadas e utilizadas pelos profissionais da área da saúde. Apenas 1 propõe-se a desvelar as principais dificuldades enfrentadas pelos cuidadores de pacientes em cuidados paliativos e sua percepção acerca do suporte oferecido. Por fim, 2 objetivam compreender a experiência de ser um paciente paliativo.

No item conclusão, de 11 artigos analisados, apenas 5 constatam a importância da comunicação no cuidado com pacientes atendidos pelo programa de cuidados paliativos, pois observou-se uma resignificação por parte dos pacientes, a construção de identidades subjetivas e a valorização da dignidade deles. Uma pequena parte evidenciou a importância do psicólogo na equipe de cuidados paliativos. Um artigo salienta a relevância do conhecimento das estratégias de comunicação e dois dos artigos citados destacam a necessidade de capacitação e aperfeiçoamento da equipe, devido ao desconhecimento de estratégias de comunicação ou a não utilização destas. Um artigo aponta a dificuldade dos familiares e equipes assistenciais em acolher o paciente em sua doença e apenas um artigo ressalta a crescente produção científica acerca do tema. Estes dados podem ser observados no Apêndice A.

3 Análise e Discussão

Este estudo realizou uma análise dos artigos publicados no período dos anos de 2006 a 2017, tendo sido encontrados 11 artigos no total. Nos anos de 2012 e 2016 foram encontrados 2 artigos cada.

Com relação aos autores, dos 11 artigos analisados, Monica Martins Trovo de Araújo e Maria Júlia Paes da Silva foram as mais produtivas (N=3). Quanto ao gênero dos autores, houve uma hegemonia do sexo feminino (100%). Um estudo realizado por Aquino (2006) observa que em grupos de estudo que abordam a temática relacionada à saúde, há uma predominância do sexo feminino, sendo 73,3% dos pesquisadores e 73,8% dos estudantes. Desta forma, se considerarmos que 65,5% dos grupos possuem um segundo líder, dentre os quais 80,5% são do

sexo feminino, isso pode indicar a reprodução de hierarquias de gênero na organização do trabalho acadêmico. As mulheres são autoras de 86,0% das teses e 89,0% de dissertações da área, além de representar 70,5% dos autores principais dos 665 artigos sobre gênero e saúde que foram examinados neste artigo.

No que diz respeito ao título, os termos “comunicação” e “cuidados paliativos” foram identificados em três títulos. Ao se analisar somente a presença do termo “comunicação”, foram encontrados 6 artigos, e o termo “cuidados paliativos” também em 6 artigos. Isso sugere que os autores nominam as suas publicações de forma subjetiva.

Referente à frequência de publicação no período analisado, a revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar publicou 3 artigos. E as revistas Texto Contexto, CEFAC e a Revista da Escola de Enfermagem da USP, publicaram, cada uma, 2 artigos durante o mesmo período. Em função do escopo da Revista SBPH, foi previsível sua predominância na área.

Quanto ao objetivo, um dos artigos busca identificar as expectativas dos pacientes com relação à equipe de enfermagem (ARAÚJO; SILVA, 2007) e outro visa destacar a comunicação como instrumento básico do cuidar em enfermagem (MORAIS et al., 2009). Dois artigos possuem o foco exclusivo no psicólogo hospitalar, para conhecer e reafirmar a necessidade desse profissional (PORTO; LUSTOSA, 2010; FERREIRA et al., 2011). Um busca investigar as estratégias de comunicação utilizadas (ARAÚJO; SILVA, 2012) e dois objetivam revisar a literatura publicada, a fim de analisar as estratégias de comunicação já existentes (RAMOS; BORTAGARAI, 2012; GOMES et al., 2016). Dois dos artigos revisados visam compreender se as estratégias de comunicação

são valorizadas e utilizadas pelos profissionais da área da saúde (ANDRADE; COSTA, 2013; ENEGUIN; RIBEIRO, 2016). Apenas um propõe-se a desvelar as principais dificuldades enfrentadas pelos cuidadores de pacientes em cuidados paliativos e sua percepção acerca do suporte oferecido, e dois objetivam compreender a experiência de ser um paciente paliativo (LEVISKI; LANGARO, 2014).

Frente aos métodos utilizados, houve predominância de 100% do método qualitativo, seja pesquisa documental, seja pesquisa de campo. A abordagem qualitativa potencializa a compreensão do fenômeno em profundidade, entretanto, dificulta a generalização dos achados, mesmo quando a pesquisa é prática, as amostras foram muito pequenas, com exceção do artigo de Araújo e Silva (2012), que realizaram um estudo multicêntrico junto a 303 profissionais da saúde. Para as pesquisas citadas nos artigos, 45% dos artigos realiza uma revisão de literatura e 55% realiza uma pesquisa exploratória. No método qualitativo, o interesse do pesquisador volta-se para a busca do significado do objeto de estudo, pois este tem um papel organizador.

Outra característica deste método é que o ambiente de pesquisa onde ocorreram as observações é o natural do sujeito, sem o controle de variáveis. Desta maneira, o pesquisador é o próprio instrumento de pesquisa, utilizando seus órgãos do sentido para apreender os objetos em estudo, espelhando-os então em sua consciência onde se tornam fenomenologicamente representados para serem interpretados (MINAYO; SANCHES, 1993). Segundo Paiva (2005), existe a necessidade da produção de pesquisas quantitativas mesmo em campos que se configuram por fenômenos iminentemente subjetivos. Talvez pesquisas experimentais demandem mais vivência do pesquisador na área e ainda sólida formação em Bioestatística.

Os resultados obtidos nas pesquisas referidas foram diversos, entretanto, 65% dos resultados apresentados evidenciaram a importância da comunicação no ambiente hospitalar com pacientes em cuidados paliativos, pois além de ser o pilar para implementação da prática de cuidados paliativos, minimiza o sofrimento, estimula o autocuidado, tranquiliza e dignifica o paciente. Menos de 20% dos artigos revisados referem a indispensável presença do psicólogo hospitalar na comunicação com pacientes atendidos pelo programa de cuidados paliativos. Um artigo refere um déficit nos conhecimentos de estratégias de comunicação por parte das equipes da área da saúde (ARAÚJO; SILVA, 2012), um apresenta dados relatando um aumento do discurso humanizado devido à crescente de estudos acerca deste assunto (RAMOS; BORTAGARAI, 2012) e, por fim, o artigo de Leviski e Langaro (2014) destacando que alguns profissionais de saúde não estão preparados para atuar com cuidados paliativos, pois estão evitando o contato verbal com pacientes que estão vivenciando o processo de morrer. Segundo as autoras, os profissionais da área da saúde apresentam a necessidade de aprender a elaborar suas emoções e sentimentos relacionados à finitude, para que no momento do contato com um paciente terminal, este profissional esteja disponível para aprender com ele, além de confortá-lo quando esse paciente se sentir inseguro.

Como observado na prática dos hospitais, há predominância do sexo feminino entre os profissionais, não apenas da Psicologia, mas em na área da saúde em geral. Outro ponto observado é a comunicação no ambiente intra-hospitalar, entre equipes e entre a equipe, o paciente e seus familiares. Embora tenha-se criado protocolos que visam facilitar a comunicação, esta permanece deficitária e inúmeras vezes falha, sendo

necessárias várias reuniões para esclarecimento de um único ponto. Percebe-se também que as decisões não são compartilhadas, pois as reuniões multiprofissionais, os conceitos de cuidados paliativos são passados de forma tendenciosa, influenciando na decisão da família.

Em função das rápidas mudanças em Cuidados Paliativos, Forte e Achetti (2018, p. 141) propõem uma atualização dos profissionais e listam os principais desafios da área, entre eles o luto e a comunicação.

Conclusão

Conclui-se neste estudo que há um déficit de produções científicas na área da Psicologia, visto que de 11 artigos publicados no período de 2007 a 2016, apenas 3 artigos foram publicados pela Psicologia, sendo as áreas que mais produziram artigos foram a Enfermagem, a Fisioterapia e a Fonoaudiologia. Sendo assim, constata-se a necessidade de pesquisas e elaborações no âmbito da saúde. Pois, desta forma, há uma dificuldade em avaliar se há ou não equipes de psicólogos compondo os serviços de cuidados paliativos, quando deste é oferecido.

Quanto à comunicação, pode-se perceber uma grande contribuição da equipe de Psicologia no ambiente hospitalar, em conjunto com os profissionais de Fisioterapia e Fonoaudiologia, principalmente no que se refere a pacientes traqueostomizados ou com perda da fala, visto que a comunicação com o paciente e com a família é essencial para que o modelo de cuidados paliativos seja mantido. Segundo Andrade et al. (2013), quando relacionada aos cuidados paliativos, a comunicação realizada de forma clara é considerada um pilar fundamental para

a implementação de tal prática, pois trata-se de uma estratégia que o paciente pode empregar para expressar suas angústias, sendo observada na prática durante os atendimentos dos psicólogos, nos momentos de sensibilização e abordagem do modelo de Cuidados Paliativos, comprovando assim, a teoria revisada.

Sugere-se a realização de futuros estudos que abordem as questões relacionadas à comunicação com os pacientes em estágio final de vida e o processo de luto de seus familiares, desde a abordagem do modelo de Cuidados Paliativos até posterior ao óbito. Outra questão relevante é a saúde dos profissionais de saúde, visto que as equipes de Enfermagem apresentam altos índices de tentativas de suicídio e as equipes médicas relatam na prática sofrimento e dificuldade de lidar com o sofrimento e com a morte.

Por fim, visto a necessidade de estudos abordando os temas citados acima, estes poderiam compor a agenda de pesquisa dos órgãos governamentais de fomenta que pautam as áreas de conhecimento o papel e contribuições dos Psicólogos nas Equipes de Cuidados Paliativos, uma vez que, em diversos momentos, o próprio profissional não expõe a sua função dentro da equipe para que os outros membros compreendam suas atribuições, tais como: o permanente incentivo ao controle da dor e de outros sintomas, a abordagem a questão da morte como um processo natural, o oferecimento de um sistema de suporte à família, entre outros.

Referências

- ANDRADE, Cristiani Garrido de; COSTA, Solange Fátima Geraldo da; LOPES, Maria Emília Limeira. Cuidados paliativos: a comunicação como estratégia de cuidado para o paciente em fase terminal. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2523-2530, set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000900006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000900006>.
- AQUINO, Estela M L. Gênero e saúde: perfil e tendências da produção científica no Brasil. **Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. spe, p. 121-132, ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102006000400017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 maio 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102006000400017>
- ARAUJO, Monica Martins Trovo de; SILVA, Maria Júlia Paes da. A comunicação com o paciente em cuidados paliativos: valorizando a alegria e o otimismo. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 668-674, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000400018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342007000400018>
- ARAUJO, Monica Martins Trovo de; SILVA, Maria Júlia Paes da. Estratégias de comunicação utilizadas por profissionais de saúde na atenção à pacientes sob cuidados paliativos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 626-632, jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000300014>
- ARAUJO, Monica Martins Trovo de; SILVA, Maria Júlia Paes da. O conhecimento de estratégias de comunicação no atendimento à dimensão emocional em cuidados paliativos. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 121-129, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072012000100014>
- ANDRADE, Cristiani Garrido de; COSTA, Solange Fátima Geraldo da; LOPES, Maria Emília Limeira. Cuidados paliativos: a comunicação como estratégia de cuidado para o paciente em fase terminal. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2523-2530, set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000900006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000900006>
- CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DE SÃO PAULO (CREMESP). **Cuidado paliativo**. São Paulo, 2008.
- FERREIRA, Ana Paula de Queiroz; LOPES, Leany Queiroz Ferreira; MELO, Mônica Cristina Batista de. O papel do psicólogo na equipe de cuidados paliativos junto ao paciente com câncer. **Revista da SBPH**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 85-98, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582011000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- FORTE, Daniel; ACHETTI Daniela. O conceito de Cuidados Paliativos no século 21. In: FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus, 2018. p. 141-154.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursospgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2019.

GOMES, Regina Helena Senff et al. A comunicação do paciente traqueostomizado: uma revisão integrativa. **CEFAC**, São Paulo, v. 18, n. 5, p. 1251-1259, out. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462016000501251&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620161851916>

LEVINSKI, Bárbara Luckow; LANGARO, Fabíola. O olhar humano sobre a vida: a consciência da finitude. **Revista da SBPH**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 49-69, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582014000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 maio 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; Sanches, Odécio Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad Saúde Pública** 1993; 9(3):239-262. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40nspe/30631>>. Acessos em: 27 maio 2019.

MENEGUIN, Silmara; RIBEIRO, Rafaela. Dificuldades de cuidadores de pacientes em cuidados paliativos na estratégia da saúde da família. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 25, n. 1, e3360014, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072016000100312&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2018. Epub Mar 22, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-0707201500003360014>

MORAIS, Gilvânia Smith da Nóbrega et al. Comunicação como instrumento básico no cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 323-327, jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002009000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002009000300014>.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Reflexões sobre ética e pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 45-61, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982005000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 jun. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982005000100003>

PORTO, Gláucia; LUSTOSA, Maria Alice. Psicologia Hospitalar e Cuidados Paliativos. **Revista da SBPH**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 76-93, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582010000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2018.

RAMOS, Ana Paula; BORTAGARAI, Francine Manara. A comunicação não verbal na área da saúde. **CEFAC**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 164-170, fev. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462012000100019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 maio 2019. Epub July 08, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-18462011005000067>

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

APÊNDICE A – ARTIGOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE

Autor	Título	Periódico	Objetivo do artigo	Método	Resultado	Conclusão
Monica Martins Trovo de Araújo e Maria Julia Paes da Silva	A comunicação com o paciente em cuidados paliativos: valorizando a alegria e o otimismo- 2007	Revista da Escola de Enfermagem da USP	Identificar as expectativas de pacientes que vivenciam os cuidados paliativos relacionadas à comunicação com a equipe de enfermagem.	estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, onde foram entrevistados 39 pacientes oncológicos com prognóstico fechado, sem possibilidades de cura, submetidos a tratamento quimioterápico paliativo, maiores de 18 anos, com a consciência preservada, que não estavam impossibilitados de comunicar-se verbalmente.	Os pacientes entrevistados destacam nas quatro categorias (<i>O destaque do relacionamento interpessoal e da comunicação, A atenção ao não verbal do profissional, Evitam falar sobre a doença e a morte, A valorização do otimismo, do bom humor, da conversa e da companhia</i>) evidenciadas em seus discursos, o papel de destaque da comunicação e do relacionamento interpessoal no contexto da terminalidade, a relação de confiança estabelecida com os profissionais de saúde e cuidadores a partir da leitura dos sinais não verbais dos mesmos, reafirmam o desejo de não conversar apenas sobre a doença e valorizam a comunicação verbal otimista e alegre e a presença compassiva que consola e conforta.	O relacionamento interpessoal pareceu ser ressignificado e adquirir grande importância para aqueles que vivenciavam a terminalidade. Neste sentido, a comunicação mostrou exercer papel de destaque no processo de morrer. Enquanto atributo essencial do relacionamento interpessoal, a comunicação empática e compassiva foi enfatizada enquanto instrumento que fornece suporte e sustento para a pessoa frente à terminalidade. Um fato novo e relevante para a prática do cuidado aos pacientes que vivenciam a terminalidade e que este estudo pôde evidenciar foi o foco otimista e bem-humorado desejado para o relacionamento e comunicação com os profissionais de enfermagem.

	Autor	Título	Periódico	Objetivo do artigo	Método	Resultado	Conclusão
2	Gilvânia Smith da Nóbrega Morais et al	Comunicação como instrumento básico no cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado - 2009	Acta Paul. Enfermagem	Destacar a comunicação como instrumento básico no processo do cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado.	Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, consubstanciada na literatura pertinente ao tema proposto.	<p>A comunicação no cenário hospitalar permite um cuidar autêntico ao paciente, e não um simples tratar, porquanto permite a este exteriorizar suas necessidades na busca de soluções, com ênfase em sua individualidade, promovendo um relacionamento interpessoal como proposta de minimizar o processo de despersonalização experienciado pelo ser hospitalizado a partir de um cuidado integral, percebendo o ser humano como ser biológico, psicológico, social e espiritual e não como um ser fragmentado em seus sistemas funcionais. Com base nesse entendimento, é necessário que os profissionais de enfermagem busquem se comunicar com o paciente de modo atencioso, com respeito, utilizando uma linguagem acessível, bem como priorizando a comunicação não verbal; estabelecendo uma comunicação genuína, bem como oferecendo elementos necessários para a satisfação do ser paciente vulnerabilizado pelo processo de hospitalização, ao propiciar um cuidado que auxilie o paciente a descrever sua vivência, priorizando o que ele pensa e sente.</p>	<p>Considerando que a enfermagem se apresenta como um encontro entre o ser que cuida e o ser cuidado, é possível destacar que esta profissão exerce um papel fundamental na prática do cuidar humanizado a partir de uma interação efetiva com o paciente hospitalizado, oportunizando uma comunicação genuína como um processo que visa à criação de espaços que viabilizem a satisfação do ser doente em suas necessidades; ao permitir a este partilhar sua vivência, angústias, medos, ansiedade e inseguranças. Nesse enfoque, o cuidado, no sentido de uma prática assistencial humanizada, deve estar centrado na necessidade de comunicação como estratégia de aproximar o cuidador do ser cuidado.</p> <p>A comunicação em enfermagem, ao permitir a construção de identidades subjetivas, colabora para uma assistência de qualidade e humana que perpassa pela valorização do paciente em sua dignidade, considerando-o como um ser único com características e necessidades que lhes são inerentes.</p>

Autor	Título	Periódico	Objetivo do artigo	Método	Resultado	Conclusão
Gláucia Porto e Maria Alice Lustosa	Psicologia Hospitalar e Cuidados Paliativos- 2010	Rev. SBPH	reafirmar que a medicina paliativa apenas por si, não pode dar uma melhor qualidade de vida ao doente fora de possibilidades terapêuticas se não for combinada com o tão importante apoio psicológico especializado	Revisão de literatura abarcando as temáticas: A Morte e o Morrer no Tempo e no Espaço; Bioética; Eutanásia X Mistanásia X Distanásia: A Morte em Discussão; Ortotanásia e Boa Morte: A Morte Contemporânea, Cuidados Paliativos e seus princípios, a Humanização Hospitalar na Prática dos Cuidados Paliativos, Arranjos Profissionais em Cuidados Paliativos e o O Psicólogo Hospitalar em Cuidados Paliativos	Com o passar dos anos houve uma mudança da visão de doença e da morte. Outro ponto destacado foi a morte na história e o que se viu nestes tempos, foi a distância entre o cuidado do doente e a atenção aos seus órgãos e funções. Há um excesso de poder da instituição médica ao desenvolver uma assistência eminentemente racional, produtora de um elevado índice da medicalização do final da vida, em detrimento da perda de autonomia do doente em submissão ao poder médico. Quando citada a bioética, observa-se que um dos aspectos mais marcantes é o diálogo multidisciplinar. O conceito de eutanásia também é discutido sendo apontado que o cuidar também faz parte do tratamento, sendo assim comparado com a ortotanásia. Em seguida aborda os cuidados paliativos: Os Cuidados Paliativos não dizem respeito primordialmente a cuidados institucionais, mas trata-se, fundamentalmente, de uma filosofia de cuidados que pode ser utilizada em diferentes contextos e instituições. Por fim, complementa com a contribuição do psicólogo no ambiente hospitalar. O papel do psicólogo hospitalar em cuidados paliativos é dar um novo direcionamento aos critérios concernentes à qualidade, ao valor e ao significado da vida.	Fica evidente a necessidade de atuação de psicólogos nas equipes em cuidados paliativos nos hospitais. Fica claro que sua atuação consiste em facilitar o processo de cuidar paliativamente, cuja preocupação central é dar qualidade de vida na morte, além de propiciar ao paciente e seus familiares uma possibilidade de escuta de suas necessidades. E assim, ao invés de fazer restar mais vida sem qualidade, dar mais vida aos dias que ainda restam.

Autor	Título	Periódico	Objetivo do artigo	Método	Resultado	Conclusão
Ana Paula de Queiroz Ferreira; Leany Queiroz Ferreira Lopes; Mônica Cristina Batista de Melo	O papel do psicólogo na equipe de cuidados paliativos junto ao paciente com câncer- 2011	Rev. SBPH	conhecer como o psicólogo pode oferecer assistência ao paciente com câncer, pautada nos princípios que regem a filosofia dos Cuidados Paliativos	A pesquisa consistiu numa revisão da literatura publicada no período de junho de 2006 a junho de 2011, tendo como temática a função do psicólogo na equipe de cuidados paliativos junto ao paciente com câncer, realizada em base de dados como Google Acadêmico, SciELO (<i>Scientific Electronic Library On-line</i>), Lilacs (Literatura Latino-americana de Ciências da Saúde), Bireme, BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), PePSIC, Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH), Revistas Científicas como <i>Mente e Cérebro</i> e <i>Psique & Vida</i> ; bem como análises de Livros, Resumos e Trabalhos Publicados. Foram utilizadas quarenta e duas referências; sendo três manuais, três livros e trinta e seis artigos científicos, desses, apenas treze foram escritos por psicólogos e os demais por outros profissionais da área de saúde como médicos, enfermeiros, nutricionistas, farmacêuticos e terapeutas ocupacionais. Os descritores utilizados como critérios para a pesquisa incluíram combinações entre câncer e cuidados paliativos, psicologia e paciente terminal e psico-oncologia.	Tomando como referência os princípios que regem a filosofia dos Cuidados Paliativos, O psicólogo deve estar atento em detectar os conteúdos envolvidos na queixa, no sintoma e na patologia, permitindo assim uma atenção integral e a identificação de desordens psíquicas que geram sofrimento, estresse e também aos mecanismos de defesa negativos que costumam surgir; isso favorece a reorganização da vivência de doença e o uso de recursos adaptativos no sentido de manter o paciente participativo no processo de tratamento. Atuando no tratamento de pacientes com diagnóstico de câncer, o psicólogo se empenha por minimizar os efeitos causados pela doença, de modo a facilitar a reintegração desse paciente à sociedade e a uma rotina mais próxima possível da que se tinha antes do diagnóstico. Além da intervenção técnica, também devem estar presentes no trabalho do psicólogo a empatia e a escuta acolhedora verbal e não verbal, permitindo que o paciente possa confrontar com seus conteúdos internos, suas angústias e sentimentos em geral, para que a partir daí inicie o processo de aceitação, elaboração e superação no que diz respeito ao adoecimento.	O psicólogo que integra uma equipe de Cuidados Paliativos precisa de formação profissional na área, na busca de estratégias para ajudar o paciente no enfrentamento e elaboração das experiências emocionais intensas vivenciadas na fase de terminalidade da vida. A realização da pesquisa apresentou um nível considerável de dificuldade, visto que, apesar do aumento gradual de trabalhos sobre os aspectos psicossociais do paciente com câncer, os temas essenciais são pouco avaliados e pesquisados.

Autor	Título	Periódico	Objetivo do artigo	Método	Resultado	Conclusão
Ana Paula Ramos; Francine Manara Bortagarai	A comunicação não verbal na área da saúde - 2012	Rev. CEFAC	Realizar uma revisão bibliográfica do uso e do conhecimento da comunicação não verbal pelos profissionais da saúde.	Revisão bibliográfica. Para a realização desta pesquisa foram selecionados apenas artigos brasileiros, publicados nos últimos treze anos, de 1996 a 2009, que enfocassem a importância, a função e as implicações da Comunicação não verbal para o atendimento em saúde e educação e os descritores utilizados foram: <i>comunicação não verbal, cinésica, proxêmica e táctésica</i> .	Em estudos realizados com profissionais da saúde, verifica-se que estes consideram importante o conhecimento da comunicação não verbal. Abrangendo muitos dos aspectos anteriormente citados, várias pesquisas suscitam a discussão da importância da compreensão da comunicação não verbal na interação do terapeuta com usuários de atendimentos de saúde mental, em programa de hemodiálise, com usuários em estados terminais, com sedados na Unidade de Terapia Intensiva, com mulheres que amamentavam pós-parto, com idosos institucionalizados, com sujeitos surdos, com sujeitos oncológicos com ostomia, com crianças autista ¹ e com sujeito estrangeiro hospitalizado. Portanto, a competência em comunicação interpessoal – verbal e não verbal – é uma habilidade fundamental a ser adquirida, a qual possibilita a excelência do cuidar em saúde. Os profissionais de saúde não devem esquecer que suas mensagens não são interpretadas apenas pela fala, mas também pela forma como se comportam. Dessa maneira, pode-se tornar a comunicação mais efetiva ao tomar consciência da importância da linguagem corporal, principalmente no que diz respeito à proximidade, à postura, ao toque e ao contato visual. Percebe-se, a partir dos artigos revisados, que nos últimos anos, com o desenvolvimento dos estudos voltados para a comunicação, esta se tornou o veículo para os mais belos discursos de humanização em saúde. A ênfase do toque não técnico, do olhar não direcionado à busca de patologias, da aproximação sincera e fraterna, quando não amorosa, tem resgatado valores humanos que ficaram em algum lugar no tempo e no espaço da história do homem que, por sua vez, desenvolveu novos modos de adoeecer.	A aprendizagem da comunicação não verbal não só é possível, como necessária, em vista da sua importância para as interações intersubjetivas, em todos os níveis de nossa vida: pessoal, social, profissional dentre outros e permite a ampliação da atuação em saúde para uma perspectiva promocional. Embora os artigos enfatizem a relevância do conhecimento da comunicação não verbal para melhorar a percepção do paciente como sujeito e humanizar os atendimentos de saúde, diversos profissionais da saúde e estudantes dessa área demonstraram pouco conhecimento acadêmico e profissional sobre essa forma de comunicação.

Autor	Título	Periódico	Objetivo do artigo	Método	Resultado	Conclusão
Monica Martins Trovo de Araújo; Maria Júlia Paes da Silva	O conhecimento de estratégias de comunicação no atendimento à dimensão emocional em cuidados paliativos- 2012	Texto Contexto- Enferm.	O estudo objetivou investigar o conhecimento e a utilização de estratégias de comunicação no cuidado da dimensão emocional do paciente sob cuidados paliativos.	Revisão integrativa da literatura. Com abordagem quantitativa, o estudo foi realizado entre agosto/2008 e julho/2009, junto a 303 profissionais de saúde que trabalhavam ou tinham contato frequente com estes pacientes, por meio da aplicação de questionário. Os dados sofreram tratamento estatístico descritivo e analítico. Os profissionais denotaram desconhecimento de estratégias de comunicação, evidenciando-se diferença significativa (p-valor 0,0011) na comparação entre sujeitos com e sem formação prévia em cuidados paliativos, denotando que quem possui capacitação paliativista conhece/utiliza mais estratégias comunicacionais na atenção à dimensão emocional de seus pacientes. As estratégias mais citadas pelos sujeitos foram: escuta ativa, reafirmações verbais de solicitude, uso de perguntas abertas e toque afetivo.	Evidenciou-se carência de habilidades comunicacionais para oferecer apoio emocional nos profissionais de saúde avaliados. A superficialidade deste conhecimento é ratificada quando informações complementares são avaliadas. Deste modo, utilizar estratégias de comunicação para prover apoio emocional é condição <i>sine qua non</i> para que o cuidado multidimensional efetivo ocorra. Por este motivo, profissionais com prévia capacitação teórica em cuidados paliativos desempenharam-se melhor neste aspecto do que aqueles sem formação prévia. Dentre as estratégias de comunicação verbal destacaram-se aquelas relacionadas à verbalização de compreensão de sentimentos e disponibilidade para o cuidado, além do uso de perguntas abertas com o intuito de estimular a verbalização de sentimentos, denotando disposição e disponibilidade para o estabelecimento de relação de ajuda. As técnicas de comunicação verbal podem ser classificadas em três grandes grupos: expressão, clarificação e validação. No grupo de expressão, alocam-se as estratégias que permitem a expressão verbal de pensamentos e sentimentos, facilitando sua descrição e possibilitando a exploração de áreas problemáticas para o paciente. No segundo grupamento, de clarificação, encontram-se as estratégias que ajudam a compreender ou clarificar as mensagens recebidas, possibilitando a correção de informações incorretas ou ambíguas. Finalmente, no grupamento de validação, estão as expressões que tornam a significação comum do que é expresso, certificando a acurácia da compreensão da mensagem recebida.	Com base nos resultados apresentados é possível concluir que os profissionais de saúde participantes desta pesquisa possuíam conhecimento insatisfatório no que tange às estratégias de comunicação para o suporte emocional de pacientes sob cuidados paliativos, e que quem possuía capacitação formal prévia na área paliativista evidenciou conhecer/utilizar mais estratégias comunicacionais na atenção à dimensão emocional de seus pacientes. As estratégias comunicacionais mais citadas pelos sujeitos foram, em ordem decrescente de frequência: escuta ativa, reafirmações verbais de solicitude, uso de perguntas abertas e toque afetivo. Conclui-se que há pouco conhecimento e utilização insatisfatória de estratégias de comunicação, pelos profissionais de saúde no cuidado à dimensão emocional de pacientes sob cuidados paliativos.

Monica Martins Trovo de Araújo; Maria Júlia Paes da Silva

Estratégias de comunicação utilizadas por profissionais de saúde na atenção à pacientes sob cuidados paliativos- 2012

Revista da Escola de Enfermagem da USP

Investigar se profissionais de saúde que trabalham ou têm contato frequente com pacientes sob cuidados paliativos valorizam a comunicação interpessoal no contexto da terminalidade; Averiguar se os mesmos conhecem estratégias ou técnicas de comunicação interpessoal facilitadoras da interação com pacientes em cuidados paliativos; Identificar quais são as estratégias comunicacionais facilitadoras da interação com quem vivencia a etapa final da vida utilizadas por estes profissionais.

de campo, multicêntrico, descritivo, exploratório e transversal, com abordagem quantitativa. Estudo quantitativo multicêntrico, realizado entre agosto/2008 e julho/2009, junto a 303 profissionais de saúde que trabalhavam com pacientes sob cuidados paliativos, por meio da aplicação de questionário. Os dados foram submetidos a tratamento estatístico descritivo. A maioria (57,7%) não foi capaz de citar ao menos uma estratégia de comunicação verbal e apenas 15,2% mencionaram cinco sinais ou estratégias não verbais. As estratégias verbais mais citadas foram as de cunho interrogativo sobre a doença/tratamento e, dentre as não verbais, destacaram-se o toque afetivo, olhar, sorriso, proximidade física e escuta ativa.

A comunicação é estimada como importante atributo da atenção ao fim da vida, seja pelo cuidado com que as notícias são comunicadas, seja pelo apoio emocional que a comunicação permite oferecer ao paciente que sofre, seja enquanto instrumento que permite a identificação de necessidades multidimensionais do paciente e família. Aliada ao escasso conhecimento sobre comunicação na terminalidade demonstrado, esta aparente inabilidade de concretizar ações terapêuticas de cuidado ao fim da vida por meio de colocações verbais e ações não verbais configura-se em um obstáculo para a realização de uma assistência paliativista de qualidade, que considere as múltiplas dimensões e as distintas necessidades do ser humano em situação de doença em fase avançada. Com relação ao conhecimento/utilização de estratégias de comunicação verbal no contexto da terminalidade, a maior parte dos profissionais evidenciou desconhecer estratégias de comunicação verbal. Dentre as cinco mais citadas, destacam-se as questões de cunho interrogativo, voltadas para a investigação da doença/tratamento e do conhecimento e expectativas do paciente acerca de sua condição.

As estratégias ou técnicas de comunicação verbal podem ser classificadas em 3 grandes grupos: expressão, clarificação e validação. No grupo de expressão, aloca-se as estratégias que permitem a expressão verbal de pensamentos e sentimentos, facilitando sua descrição e possibilitando a exploração de áreas problemáticas para o paciente. No segundo grupamento, de clarificação, encontram-se as estratégias que ajudam a compreender ou clarificar as mensagens recebidas, possibilitando a correção de informações incorretas ou ambíguas. Finalmente, no grupamento de validação, estão as expressões que tornam a significação comum do que é expresso, certificando a acurácia da compreensão da mensagem recebida.

Os profissionais de saúde que participaram desta pesquisa evidenciaram valorizar imensamente a comunicação interpessoal no contexto da terminalidade, uma vez que atribuíram à mesma escore muito próximo ao máximo possível. Contudo, de maneira geral, evidenciaram escasso conhecimento de estratégias de comunicação para a interação com pacientes sob cuidados paliativos: a maioria dos sujeitos (57,7%) não foi capaz de citar ao menos uma estratégia adequada de comunicação verbal e apenas 15,2% mencionaram os cinco sinais ou estratégias não verbais que havia sido solicitado. Considera-se, ainda, fator limitador do estudo a utilização de apenas um instrumento que propunha a mensuração do conhecimento dos profissionais sobre estratégias de comunicação em cuidados paliativos, tendo em vista a subjetividade e complexidade do processo de comunicação na terminalidade. Mostram-se necessárias futuras investigações mais aprofundadas sobre o tema, realizadas sob diversas óticas metodológicas.

Autor	Título	Periódico	Objetivo do artigo	Método	Resultado	Conclusão
Cristiani Garrido de Andrade; Solange Fátima Geraldo da Costa; Maria Emilia Limeira Lopes	Cuidados paliativos: a comunicação como estratégia de cuidado para o paciente em fase terminal- 2013	Ciênc. Saúde Coletiva	O estudo teve como objetivo averiguar como enfermeiros utilizam a comunicação, no âmbito dos cuidados paliativos, ao assistir o paciente em fase terminal.	Trata-se de uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, na qual participaram 28 enfermeiros atuantes em unidades de internação de um hospital da cidade de João Pessoa (PB), no período de agosto a outubro de 2012. Para a coleta dos dados utilizou-se um formulário. Os dados foram analisados mediante a técnica de análise de conteúdo. Da análise do material, emergiram três categorias: "cuidados paliativos e comunicação - relação interpessoal do enfermeiro com o paciente terminal"; "comunicação em cuidados paliativos como estratégia para fortalecimento do vínculo entre enfermeiro e paciente terminal"; e "importância da comunicação entre enfermeiro e família do paciente terminal sob cuidados paliativos."	No âmbito dos cuidados paliativos, a comunicação realizada de forma adequada é considerada como um pilar fundamental para a implementação de tal prática. Verifica-se que o paciente em fase terminal, deseja ser compreendido como um ser humano que sofre, porque, além da dor física, passa por conflitos existenciais e necessidades que os fármacos ou os aparelhos de alta tecnologia não podem prover. Ressalta-se, então, que a comunicação se for explanada de maneira compreensível, ao paciente em fase terminal, contribui para que ele tenha consciência de sua dignidade durante toda a assistência prestada e lhe proporciona autonomia, quando precisa tomar decisões sobre sua vida e seu tratamento. A comunicação é um processo de envolvimento que deve ser constituir com o estabelecimento de vínculo entre o enfermeiro e o paciente terminal, de maneira verbal e não verbal. Logo, trata-se de um processo ativo, de atenção e de escuta ativa. Convém ressaltar que o emprego apropriado da comunicação verbal e não verbal é uma medida terapêutica eficaz para os pacientes terminais. É considerado um componente essencial do cuidado no fim da vida, uma vez que minimiza o estresse psicológico dos mesmos e lhe permite compartilhar o sofrimento. Observa-se que a comunicação com o paciente e com os membros da família é primordial para que os profissionais da saúde, em essencial os enfermeiros, possam oferecer um serviço de qualidade, pois somente através de uma comunicação efetiva com todos os membros é que ele estará apto a incluí-la adequadamente na terapêutica dos cuidados paliativos. Logo, o relacionamento interpessoal que ocorre entre o enfermeiro e o paciente/familiar, no processo do cuidar, tem sua essência nas habilidades de comunicação, e isso é fundamental para que a assistência de enfermagem seja humanizada.	A pesquisa evidenciou a relevância da comunicação como uma estratégia fundamental para respaldar a prática clínica do enfermeiro direcionada ao paciente em fase terminal. Entretanto, acredita-se ser necessária a replicação deste estudo com os pacientes na terminalidade e sua família para confirmarem a relevância da comunicação como uma estratégia fundamental para respaldar a prática dos cuidados paliativos direcionada ao paciente na finitude da vida.

Autor	Título	Periódico	Objetivo do artigo	Método	Resultado	Conclusão
Bárbara Luckow Leviski e Fabíola Langaro	O olhar humano sobre a vida: a consciência da finitude- 2014	Rev. SBPH	compreender a experiência de ser um paciente paliativo para o indivíduo e familiares acompanhados por uma equipe de cuidados paliativos em hospital geral em comparação com um grupo controle no mesmo hospital, descrevendo a experiência antes e depois da abordagem paliativista e investigando fatores que interferiram na tomada de decisão na mudança do tratamento com foco curativo para o paliativo.	A pesquisa teve caráter qualitativo, visto que buscou a compreensão dos fenômenos estudados considerando o significado que os outros dão às suas práticas e, ainda, por ter requisitado envolvimento das pesquisadoras com as pessoas, eventos e ambiente como parte integrante do processo. A pesquisa foi realizada em um hospital geral particular, que conta com 165 leitos e atende, em média, 924 pacientes por mês.	No quesito tomada de decisões, observa-se alguns fatores determinantes: dificuldades emocionais da família frente à terminalidade, dúvidas quanto ao uso de procedimentos invasivos de tratamento e também dificuldades das próprias equipes assistenciais em realizar a mudança na abordagem dos cuidados. Em todos estes aspectos, a tomada de decisão esteve relacionada com a comunicação entre equipe e paciente e familiar/cuidador, e, portanto, considera-se essencial que os profissionais desenvolvam mecanismos para o aprimoramento da mesma. Com relação a comunicação, A equipe necessita desenvolver um olhar humanizado, de modo a mensurar as palavras, perceber o paciente além de sua doença e ouvir suas angústias, sejam elas expressas verbalmente ou não. Nos cuidados paliativos, busca-se reverter a condição imaginada de que “não há mais nada a fazer”, desenvolvendo o olhar de que, se a cura não é possível, o alívio de sintomas que melhorem a qualidade de vida será essencial para o paciente, e que isto deve ser priorizado até o final. A teoria relata que alguns profissionais não estão preparados, pois estão “evitando o contato verbal com os pacientes que vivenciam o processo de morrer, afastando-se dos mesmos, por não saber trabalhar os sentimentos que a situação de morte iminente lhes desperta” (Araujo & Silva, 2007, p. 669). E referente aos sentimentos na experiência do adoecer, os Sentimentos relacionados a não aceitação ou aceitação obrigatória da morte, depressão, decepção com atitudes do familiar com o paciente ou do paciente para com o familiar, esperança e luto antecipatório estiveram presentes no discurso de pacientes em grupo controle e em cuidados paliativos. Conforme apresentado nesta categoria, constatou-se que a maioria dos familiares não possui conhecimento da visão do paciente sobre a vivência de adoecer.	A partir deste estudo, percebeu-se a dificuldade de familiares e equipes assistenciais em acolher o paciente em sua doença, o que repercute na elaboração da terminalidade para todos os envolvidos. Porém, evidenciou-se que o acompanhamento pela equipe de cuidados paliativos facilita o processo de elaboração dos lutos do paciente e familiar/cuidador e alívio de sintomas. Este trabalho teve como objetivo compreender a experiência de pacientes e familiares no processo do adoecer, porém, conforme dados apresentados, este objetivo foi parcialmente atingido, considerando a resistência dos familiares em proporcionar aos doentes de ambos os grupos a escolha em compartilhar este momento ou não.

Autor	Título	Periódico	Objetivo do artigo	Método	Resultado	Conclusão
Silmara Meneguini; Rafaela Ribeiro	Dificuldades de cuidadores de pacientes em cuidados paliativos na estratégia da saúde da família – 2016	Texto Contexto- Enfermagem	Objetivou-se desvelar as principais dificuldades enfrentadas pelos cuidadores de pacientes em cuidados paliativos no domicílio e compreender a percepção dos mesmos em relação ao suporte oferecido pela Estratégia da Saúde da Família.	Trata-se de estudo exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa, realizado com cuidadores de pacientes em cuidados paliativos, atendidos pela ESF, em Botucatu, interior de São Paulo, sudeste do Brasil.	O processo de transição demográfica e epidemiológica, caracterizado pelo envelhecimento populacional e aumento da prevalência de doenças crônicas não transmissíveis, principalmente cardiovasculares e neoplasias, tem colocado em evidência a necessidade de cuidados no final da vida, demandando a reorganização dos serviços de saúde. Neste contexto, os cuidadores são, muitas vezes, a principal fonte de apoio social e emocional para pacientes e desempenham papel importante na condução da doença. No âmbito da ESF, a comunicação é fundamental para as atividades de educação em saúde, cujo propósito é estimular e instrumentalizar o autocuidado, por meio de reflexões e ações que conduzam a modificações nas atitudes e condutas dos usuários. Todavia, neste estudo, não foi mencionada pelos cuidadores como recurso utilizado para orientar o processo de cuidar no domicílio.	As dificuldades desveladas pelos cuidadores refletem o despreparo pessoal aliado à precariedade social e econômica, vivenciadas no contexto domiciliar. Além disso, defrontam-se com a atenção restrita e descontinuada prestada pela ESF. Neste contexto, cabe ressaltar que um dos grandes desafios para a ESF é a necessidade não somente de capacitação das equipes atuantes no programa para prestar assistência no contexto de terminalidade, mas também de revisão do processo de trabalho diante deste contexto de cuidado. O suporte domiciliar, em cuidados paliativos, requer disponibilidade de tempo dos profissionais, fortalecimento do vínculo de confiança, além de uma rede de apoio disponível e flexível.

Autor	Título	Periódico	Objetivo do artigo	Método	Resultado	Conclusão
Regina Helena Seniff Gomes ; Milena Carla de Siqueira Aoki; Rosane Sampaio Santos; Arlete Ana Motter	A comunicação do paciente traqueostomizado: uma revisão integrativa - 2016	Rev. CEFAC	Revisar a produção científica da temática em questão e analisar as diferentes estratégias de comunicação utilizadas.	Trata-se de revisão integrativa de literatura, cujo objetivo foi reunir e sintetizar os resultados de pesquisas acerca de determinado tema ou assunto, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o entendimento do tema proposto	A importância da comunicação com os pacientes traqueostomizados durante a prática do cuidado melhora a interação, informa e tranquiliza o paciente, além de humanizar o atendimento. A escolha da estratégia mais adequada a cada paciente é uma habilidade alcançada com a prática profissional, envolve desde gestos; escrita, desde que o paciente seja alfabetizado ou que tenha o hábito de escrever; leitura labial; lousa mágica e cartões ilustrativos, onde para todos os recursos o posicionamento do paciente e do receptor da mensagem é primordial. Nesse sentido a adoção de recursos como gestos e comunicação escrita, somada a presença dos familiares facilita o entendimento das necessidades dos pacientes. O uso de ventilação mecânica ao restringir a comunicação, acarreta diminuição da troca de informações, depressão, isolamento social e da motivação para participar no cuidado, tornando os pacientes dependentes de estratégias não verbais e da utilização de recursos como a válvula fonatória e do uso da PEEP. Os recursos de comunicação suplementar mais adequados a cada paciente dependem da avaliação fonoaudiológica ou de equipe especializada. Eles incluem desde material, como papel e lápis escuro; cartas com imagens de suas necessidades (banho, dor, virar na cama, frio, calor, dentre outras); lista com as frases e mensagens mais comuns; gestos e mímicas para facilitar a comunicação e diminuir a frustração diante da comunicação não verbal. Estratégias para facilitar a comunicação incluem o posicionamento correto do profissional e/ou familiar próximos ao paciente e de preferência na sua frente; ajuste da luminosidade do ambiente para facilitar a leitura labial; redução do ruído de fundo, desligando rádios ou televisão e fechando a porta para reduzir as conversas externas. O paciente deve ser incentivado a falar de maneira clara e devagar, deve-se atentar a palavras-chaves ou frases que poderão dar pistas e significado a sentença, evitando as interrupções que quebram o processo de pensamento e distraem o paciente.	A presente revisão constatou a crescente produção científica com a temática da comunicação do paciente traqueostomizado nessa última década, bem como a importância de equipe multiprofissional especializada no atendimento aos pacientes traqueostomizados, tanto para a gestão eficaz como de canulação precoce. Os autores entenderam que, independentemente da presença ou não do profissional fonoaudiólogo como membro da equipe, o conhecimento dos diferentes recursos e estratégias, explorados nos artigos, são passíveis de adoção pelos profissionais da área de saúde.